

QUINTA-FEIRA
Lisboa--18 de Fevereiro de 1932

5 TOS TÔES

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

300



sempre **fixe** semanário humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUT BORDALLO, 43

DIRECTOR EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

O caso da Comara e o caso de Pombal II



(1) PARA MANDAR SALGAR O CHÃO DA SALA DAS SESSÕES DA C. M. L.

1932-Fevereiro: Abandona o pelouro de engenharia e retira-se indignado para Espira-Canivetes, sua terra natal.



Os ditos da semana



O Carnaval O Carnaval foi o que nós sabemos. A animação foi tanta que não coube dentro dos dias que, pelo protocolo do Borda d'Água, são destinados ao folguedos carnavalescos. Ainda sobejou alegria. Sobejaram serpentinas, cocotes e papelinhos. Que fazer pois a esse tremendo, colossal «stock» de graça, de alegria, de animação de esturdia? Gasta-lo. Para isso prolongou-se o carnaval pela Quaresma dentro e vai gastar-se nos bailes da Pinhata, a alegria que sobejou.

Ainda bem.

É uma válvula de escape livre. Não tosse essa gente arrebentar com tanta alegria lá dentro...

■

Republica alemã

Anuncia-se a candidatura do Kronprinz à presidencia da Republica Alemã.

A cara que hão-de fazer certos monarchicos que se demitiram de cargos e honrarias só para não servirem a Republica...

Já com Napoleão III aconteceu o mesmo.

Oxalá que a historia se não repita na integra.

■

Divorcio em Espanha

D. Clara Campoamor, deputada espanhola, intervindo na discussão da lei do divorcio, pretende que a mulher possa cometer o adultério nas mesmas condições que o homem. Efectivamente assim é que está certo. Igualdade de direitos.

Na verdade o papel duma mulher é procurar obter para o seu sexo o maior numero possível de regalias.

■

Waterlow

A Casa Waterlow, por intermedio dos seus advogados, esforça-se, não por demonstrar a sua inocencia, mas por provar que o Banco de Portugal não devia pagar as notas falsas. E lamenta

a sorte dos acionistas de Banco.

Já conhecemos a historia dos sujeitos que se defendem atacando.

Um individuo deixou um dia a porta aberta e foi pa-sear. O visinho do lado, seguro de que o outro não estava em casa, deu-se ao trabalho de lhe mudar as pratas e as joias para a sua residencia, sem ao meros se dar ao encomodo de chamar dois galegos para a mudança, porque a carga era leve e o caminho era curto.

Sentindo-se roubado, o homem queixou-se á policia e veio a descobrir-se que tudo se encontrava em casa do visinho. Preso e interrogado, o galuno baratustava:

— Quem o mandou a ele deixar a porta aberta.

Mas você roubou ou não roubou? perguntava o juiz.

— Ele é que teve a culpa,

que não fechou a porta. Ele tinha obrigação de se acautelar.

— Mas o que eu pergunto é se você roubou?

— Então ele não sabia que ha ladrões? Porque não fechou ele a porta.

E não houve meio de o fazer sair daquelas evasivas. Não houve. Mas tambem não houve maneira de o livrar da cadeia.

■

Ponte sobre o Tejo

Vai proceder-se a sondagens para a ponte sobre o Tejo.

A primeira vista parece tratar-se duma noticia em primeira mão, mas não é. Ha muitos anos que se fazem sondagens nesse sentido. Já um espanhol fez sondagens e já as fizeram alguns portuguezes. Andam todos a sondar, a vér se pegam as modas, mas, vai

senão quando, surge o Estado Maior do Exercito e corta a linha das sondagens e a ponte pára. Razões de estratégia...

Ah! mas se a ponte um dia se faz, Xabregas é promovido a bairro chique, e as Avenidas Novas perdem a importancia.

Xabregas festa da ponte! Já é preciso ter topete!...

■

Obras municipais

A Camara Municipal projecta grandes obras: Aquilo vai ser uma maravilha! Lisboa rasgada de Avenidas, Praças e Alamedas em todos os sentidos. Lisboa vai ser retalhada, feita em postas, esquadrejada, para que não haja apertos na via, para que a circulação de pessoas e veiculos se faça livremente, para que não haja bairros entaipados e sem saída. É operação que exige um habil cirurgião, um operador que corte com regra, com conta pezo e medida, sem matar o doente.

Depois surgirá uma Lisboa nova, desempoeirada, monumental, uma Lisboa que até os lisboetas desconhecirão. Tudo depende da operação de cortar, rasgar, retalhar.

Oxalá que não morra o cirurgião.

■

sempre
fixe

Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas.	Ano: 26\$00
	Semestre: 13\$00
	Trimestre: 6\$50
Colonias portuguezas.	Semestre: 15\$00
	Ano: 30\$00
Estrangeiro.	Ano: 34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor inteligente percebe logo que as mesmas são pagas adequadamente.

DR. MELEIRO DE SOUZA



Assistente do Dr. José Gentil, clinico do Hospital de S. José e especialista em doenças de senhoras.

Anuncios Isto agora, é, por tabela.

THEATRO

«RETROZ PRETO...»



— Não torno a usar o avião como meio de transporte!...

A historia repete-se.

Ha já muitos anos, um actor lembrou-se de armar em empresario de filmes e tratou de produzir um filme, para o que desembolsou a respectiva massa, sendo ao mesmo tempo o principal interprete e realizador.

O filme em questão era *O Homem dos Olhos Tortos*.

A produção não chegou ao fim e a empresa estalou.

No entanto, parece que ao empresario de momento não lhe ficou de emenda, porque, pelos modos, voltou.

■ ■ ■

TELEGRAMAS em cifra.

Segundo informações, foi ha dia: enviado para uma cidade do Norte o telegrama em cifra: A. P. T. V. S. T. C. F.

A resposta foi a que segue:

T. M. V. A. M. L.

Se algum leitor conseguir a decifração, agradecemos.

■ ■ ■

MAIS telegramas.

Segundo diz um jornal da tarde, foi enviado um telegrama á companhia Herten e Luz, que vem de vento em pópa, quer nos negocios, quer na viagem, convidando-a a regressar imediatamente a Lisboa, para tomar conta da exploração dum teatro de revista.

Oh! diabo! Afinal, as coisas, cá por Lisboa, mudaram já muito de figura.

Tanto barulho para nada.

■ ■ ■

CONSTA que uma empresa exploradora de teatros, não tendo es-

paço nas paredes dos palcos dos seus teatros para pôr avisos com mil e uma proibições, vai editar um jornal oficial com todas as proibições pensadas durante o dia. O jornal é assim uma especie de *Diário do Governo* ou de *desgoverno*, e mo queiram...

■ ■ ■

OS negocios de Africa estão levando a gente de teatro.

Mais um empresario está já organizando uma companhia para ir de abalada.

Informam-nos tambem que a Africa está dando tanto que até já houve sarilho em Lisboa com um africanista.

Isto de Lisboa e Africa é uma tal complicação de pretos e brancos!

■ ■ ■

TEM havido uma polémica etéme acerca das condições de acustica do novo e elegante teatro Rivoli, do Porto.

Uns dizem que as condições acusticas são excelentes, que se ouve lindamente bem. Outros afirmam precisamente o contrario: que não se ouve.

Afinal, em que ficamos?

O melhor é, para satisfazer toda a gente, uns e outros, ouvir-se d'un lado do teatro e não se ouvir do outro...

■ ■ ■

ANUNCIA-SE para breve uma nova revista com o titulo suggestivo de *Terra de Ninguém*.

De ninguém, não!

Pelo menos, é dos autores...

■ ■ ■

A companhia Ester Leão reaparece no teatro do Gimnasio com

a peça *A Estrangeirinha*, original português de Virginia Vitorino e Tomaz Colaço.

Será alguma «e-trangeirinha» á critica?...

■ ■ ■

ANUNCIA-SE no teatro da Trindade o novo original do dr. Ramada Curto, *A Cadeira da Verdade*.

Sobe á cena numa altura em que um dos criticos mais conhecidos está ausente do país.

E' caso para dizer:

— Heia! doutor! Isso é que é sorte!...

■ ■ ■

FALA-SE numa proxima reprise das *Rosas de Portugal*.

Outra vez?

Aquilo já não são *Rosas de Portugal*, São *Rosas de todos os anos*...

■ ■ ■

O *Merilhão* continua.

Aquilo é que é um marisco com resistencia. Fora de agua ha tantos meses, e ainda vive!

E está por ali para as curvas.

■ ■ ■

CONTINUA em pleno exito, no Politeama, *A Menina do Coro*.

Todas as noites tem um coro de aplausos!

O nosso simpatico e popular Carlos Leal declinou o convite que lhe foi feito para ir ao Brasil.

Não quiere ir!

Ele lá tem as suas razões!

■ ■ ■

ESTREIA-SE brevemente, no Avenida, a companhia Estevão Amaranite, com o *Bicho de Mato*, onde aquele artista tantos triunfos conquistou.

Bom filho á casa torna! Esperamos que fique por lá muito tempo!

■ ■ ■

SUBIRA' brevemente á cena, traduzida pelo dr. Dias Costa, a peça francesa *L'Animateur*, que será interpretada por Alves da Cunha.

Ainda bem!

Vamos lá ver se com ella animamos a temporada teatral.

■ ■ ■

ARMANDO de Vasconcelos, ao que parece, sempre consegue firmar uma companhia de opereta.

Assim se realiza o seu sonho!

Esperamos que a peça de estreia não seja a decantada *Viuva Alegre*.

Senão -- ficamos todos de luto!...

O HOMEM DE TODAS AS HORAS



— ... E esse idiota queria que eu pousasse em camisa!
— Que ridiculo! E... que fizeste?
— Disse que não e... tirei-a...

A Poetisa, o "Você" e a Pintalgaya

Semi-peça num semi-acto

A cena passa-se num rico «boudoir» estilo oriental, ricamente mobilado. Uma lampada vermelha, ao lado, banha a atmosfera duma luz relaxada, que não permite descortinar todos os detalhes do mobiliário. Além disso, um largo perfumador de cobre, no rez-do-chão, queimando essências raras, satura a atmosfera de vapores perfumados, que mais esjumam e diluem os contornos das coisas. Vê-se, no entanto, que das paredes pendem pesados veludos, que parecem vermelhos, — mas talvez não sejam. Muitos coxins, muitas almofadas pelo chão. Sobre uma mesinha, unico adorno visível, uma esfera de cristal, reflectindo a luz vermelha da lampada pendente do tecto; dir-se-hia uma daquelas esferas de que os Orientais se servem para ver o passado e o futuro, — mas talvez seja apenas um aquario. Um largo divan, ou otomana, que uma larga colcha de seda cobre. Sobre esse divan, estendida e enrolada num kimono de seda negra, com dragões dourados, está a Poetisa, fumando voluptuosamente com gestos hieráticos. Junto dela, sentados no chão, pernas cruzadas, á volta duma mesinha onde fumegavam duas chávenas de café perfumado, estão a Pintalgaya e o Você. Andam no ar, dispersos com os fumos e os perfumes, mil e um desejos vagos; ou talvez não, talvez sejam precisos, concretos. A Poetisa, a Pintalgaya e o Você falam docemente, lentamente, pausadamente...

CENA ÚNICA

«Poetisa» (idade incerta, 40? 50? A penumbra do «boudoir» não deixa compreender com relativa aproximação, a idade que ela possa ter; nota-se apenas que o seu fisico está perfeitamente conservado, e que as formas correspondem perfeitamente aos volumes): — Que desgosto eu teria que vácuo na minha vida, se temas fecundos da minha poesia...
«Você» (igual a todos os outros «Vocês», figura conhecida da porta da Marques, Imberbe, longa cabeleira loira ondulada, Oculos «Harold», «Smocking», Movimentos compassados para sacudir a cinza do cigarro, Pó d'arroz e carmin em abundancia, 18 anos, pouco mais ou menos): — Minha querida amiga, quem pensa nisso?

«Pintalgaya» (18, 19 anos, Esbelta e fina como um galgo. Muito loira. Longo vestido de baile, em lhama prateada, braços nus, costas nuas, colo nu, onde sangra, pendente dum fio de perolas, uma cruz de rubis; joias verdadeiras — mas que talvez não sejam...): — Que injustiça, querida amiga, pensar uma coisa dessas de nós... Sentimo-nos tão bem, tão bem aqui... Não é verdade, Hugo?

«Você»: — Não o sabe Você?
«Poetisa»: — Quando penso no vácuo da minha vida e do meu espirito antes de os ter encontrado... Meus amigos, porque não ficam comigo? Os dois, oh! ter os dois sempre ao pé de mim! (Para o «Você») Que faz o meu amiguinho na vida? Em que ocupa o seu precioso tempo?

«Você» (córando e gaguejando): — Eu, querida amiga? Eu... sim... eu... enfim, não posso responder-lhe com precisão... Meu pai não quiz ainda arranjar-me um emprego compatível... Estou muito novo... E também não posso estudar... tive uma meningite em pequenino... Quando faço um soneto, fico esgotado...

«Poetisa» (passando-lhe os dedos pelos cabelos anclados): — Meu pobre filho... meu pequeno... A missão do poeta, neste mundo, é sofrer... (Para a «Pintalgaya») E tu, minha linda filha?

«Pintalgaya»: — Eu desejaria ser estrela de cinema... Não calcula a vocação que sinto para Greta Garbo!

«Poetisa» (com grande interesse): — Desejarias entrar para o cinema?

«Pintalgaya»: — Oh, se fosse possível!

«Poetisa» (depois duns momentos de concentração espiritual): — Talvez eu consiga realizar os teus desejos. Com uma condição, porém: a de que nunca me esqueças.

«Você»: — E para mim, querida amiga, não me arranja nada? Eu desejaria tanto também ser...

«Poetisa»: — O quê, meu pequeno?

«Você»: — Qualquer coisa, um Adolfo Menjou, um Valentino, um John Gilbert...

«Poetisa»: — E sentes-te com vocação para o amor?

«Você» (baixando candidamente o olhar): — Nunca experimentei, mas estou convencido de que faria qualquer coisa...

«Pintalgaya»: — Oh, é tão bom! Sobretudo no cinema...

«Poetisa»: — Já amaste, minha linda?

«Pintalgaya» (suspirando): — Tantas vezes...

«Poetisa» (acariciando-a): — Tens razão, minha filha, Eu não pensei o que disse... Com este perfil de

madona, com estes labios vermelhos de morango, com estes olhos de porcelana, com estes braços de marfim, com estas mãos que são pétalas de rosa, com estes cabelos que são o sol em fios dourados, tu foste feita para o Amor, tu serás estrela de cinema!

«Você» (timido): — E eu, querida amiga?

«Poetisa»: — Tu serás o meu Príncipe Encantado, queres?

«Você» (juntando as mãos): — Oh, que bom, que bom! O que não dirá o Artursinho, quando souber!

«Poetisa»: — Sabem? Tive agora uma feliz ideia. (Dirigindo-se a «Pintalgaya») Tu ensinar-lhe-ás as leis do Amor... (Dirigindo-se a «Você») E tu casarás com ela... Estou convencida de que serão muito amigos, e de que viveremos os três muito felizes...

«Pintalgaya»: — Os três? Como?

«Poetisa»: — Como? Porque eu adoro os espectáculos do Amor. Porque o Amor me embriaga. Porque lhes darei tudo quanto lhes for necessario para casarem... com uma condição unica: a de que nunca se afastarão de mim, de que nunca mais me abandonarão... Aceitam, meus querubins?

«Você»: — Se ela quizer...

«Pintalgaya»: — Se ele quizer...

«Poetisa» (para «Pintalgaya»): — Mostra-lhe tu que queres o que ele quer...

(«Pintalgaya» lança os braços á volta do pescoco do «Você», beija-o na boca como Greta Garbo no «Demonio e a Carne», etc., durante alguns segundos, caindo em seguida, abandonada, no regaço dele).

«Você» (libertando-se dos braços de «Pintalgaya» e passando a mão pela testa): — Meu Deus, que loucura!

«Poetisa» (colocando-se entre os dois e passando um braço á volta do pescoco do «Você» e outro enroscado no da «Pintalgaya»): — Meus amores, que feliz eu sou... que feliz...

«Você» (depois de olhar em derredor, inquieto): — Não seria melhor apagar a luz?

(O pano deve descer — mas talvez não desça).

MYSELF.



— Mas é tua mulher que guia e conduz o automovel?
— E', sim, mas sou eu que vou ao volante e ela é que diz para onde devemos ir...

Graça dos outros Elevador da Gloria

Desportos na neve:
— Quero um par de patins para minha mulher!
— De que qualidade?
— E'-me indiferente, contanto que ela caia!...

Entre amigos:
— Não digas mais: casas com ela porque tem dinheiro!
— Nada disso! Caso-me porque o não tenho, o que não é a mesma coisa!

Entre amigos:
— Minha mulher é capaz de estar a falar um dia inteiro sobre o mesmo assunto!
— Pois a minha não necessita de assunto!...

A mãe: — O que deves tu dizer quanto te dão cinco tostões?
O petiz: — Unhas de fome!...

Em casa dum americano:
Ela: — Sou a sua nova senhora!
A criada: — Faça favor de es-

berar um pouco até que o patrão chegue!...

Na America do Norte:
Ruth: — Eras noiva de Brown?
Vania: — Era. E tu?...

Na aula:
O professor: — E' curioso! Só sabes fazer diminuições!
O aluno: — Não admira! Sou filho dum comerciante!...

Numa repartição, duas competências:
O chefe: — O senhor, numa fo-



Quando estão tres... no mesmo sofá.

iha, escreveu recibo com b e noutra com v!

O empregado: — E' verdade! Ha equivoco!

O chefe: — Então, corrija-o!
O empregado: — Mas em qual folha?

O chefe: — Na... na... na que está errada! Sempre tem cada pergunta!...

A tempo:
— Não se suicide, desgraçado!
— Porquê?
— Porque, se se suicida daqui a uma hora, está arrependido!...

As licenças dos cães:
— Quanto paga o teu cão de licença?
— Ele... nada! Eu é que pago cem mil réis por ano!...

No escritorio:
O empregado: — Minha mulher disse-me que lhe pedisse aumento de ordenado!

O director: — Muito bem! Perguntarei a minha mulher se o posso aumentar...

O Grande Enorme

Eram grandes inimigos o bufalo e o elefante. O bufalo não podia levar a paciência que o elefante fosse mais forte e se gabasse em toda a parte da sua força extraordinária; e o elefante, indiferente, não modificava o seu feitio e ria do camarada.

Para pôr termo às constantes discordâncias que surgiam entre ambos, resolveram procurar o chefe de todos os animais para decidir o caso. O chefe declarou que a melhor maneira de chegarem a um acôrdo seria provocarem um combate violento na praça do mercado, a fim de que toda a gente pudesse presenciar o espectáculo e consagrar o mais forte.

Na manhã do dia marcado para o encontro, o bufalo foi sentar-se no caminho e, às pessoas que passavam, perguntava notícias do elefante. Todos diziam que nada sabiam do Grande-Enorme, e o bufalo, contrariado e aborrecido, deixava-os seguir sem mais massadas.

Por fim, ouviu os rumores do elefante, que chegava furioso, derubando arvoredos, valados, pequenas casas. — tudo quanto à sua frente podia representar um obstáculo qualquer.

Ao avistarem-se, correram um para o outro e, desenvolvendo uma prolongada, espalharam de tal modo o pânico nos espectadores, que estes, a certa altura, fugiram espavoridos, deixando os dois inimigos no mais horrível combate.

Um macaco que contemplava o episódio, empoleirado no ramo mais alto de uma velha árvore frondosa, pensou que devia informar o chefe, e, aos saltos de ramo em ramo, pôs-se a caminho, esquecendo-se frequentemente do motivo que o levava a procurar o «Mais que todos». Depois de ter corrido e andado uma légua das puxadas, sentou-se em cima dum telhado a brincar com uma aranha. Nisto apareceu-lhe o chefe.

— Tu por aqui?

Ao ouvir a voz do «Mais que todos», o macaco deu um salto e começou a falar sem tom nem som. Tinha-se esquecido completamente do que queria dizer.

Depois, para se entreterem, começaram a comer bananas e por fim adormeceram, enquanto lá longe os dois adversários morriam ensanguentados.

E como dessa vez não ficou decidida a questão entre o bufalo e o elefante, os seus descendentes, sempre que se encontram — lutam furiosamente.

LUIZ ILARIO.



— Porque não me querem abrigar um quarto? Eu sou só, não tenho filhos, não tenho gatos nem cães.

— É que meu marido não quer enterros cá em nossa casa...



— Minha mulher engana-me. Encontrei-a a beijar um desconhecido.

— E tu que fizeste?

— Bem sabes que não sou um desmancha prazeres.

Não me conheces!

Tinha chegado ao rubro a animação, em casa do abastado comerciante Manoel Gregorio, onde se realizava um baile de máscaras «imponente e divertido», segundo resavam os programas-convites.

Dançava-se entusiasticamente ao som dum jazz-band que pretendia bater, sobre o piano da casa, o record da desafinação.

Pelos cantinhos, os pares enlaçados demonstravam exuberantemente quão necessários são, à formação da família e à propagação da espécie, estes inocentes recreios familiares.

No vão duma janela, o Chico, filho mais velho do dono da casa, explicava a uma senhora convidada, tipo de beleza encantadora, de devassidão que é um baile num club como o Maxim's ou o Bristol. E, enquanto ela, pudica e pasmada, se admirava de haver quem frequentasse aqueles antros de perdição, o Chico enlaçava-a pela cintura e entretinha-se com ela em certos sports domesticos que francamente nunca vi fazer no Bristol e no Maxim's...

Risonha e presumida, Madame Gregorio fazia as honras da casa.

E, a um canto, o opulento senhor Manoel Gregorio calculava mentalmente quanto comeriam, à hora da ceia, todos aqueles esfomeados... É certo que só tinham convidado gente conhecida, gente séria...

Mas tantos!

E o senhor Gregorio pasmava de haver em Lisboa tanta gente naquelas condições...

Tinha Madame Gregorio acabado de avisar que podiam passar à sala de jantar, quando uma forte campainhada se ouviu, por entre a alegria ruidosa da soirée mascarada.

E quando a criada, fol, correndo, abriu a porta, entraram por ali dentro dois dominós negros, num enurdeador gresnar, em que, quasi a custo, se detinham a falar.

Comentaram chilo logo e voltaram a discutir a identidade dos misteriosos dominós.

Que eram homens, não restava a menor duvida. Era, porém, preciso identificá-los, pois não esta-

va certo que, numa soirée íntima, como aquela, penetrassem estranhos.

Mas, não! Não eram estranhos, com certeza!

— É o Ruy e o irmão! — dizia convictamente uma palida menina a quem um exquisto vestido branco aumentava assustadoramente a palidez funérea.

A cada pergunta, os mascarados só respondiam: «Não me conheces!»

— É o Costa e o Meneses! — afirmava muito convencido o proprio dono da casa.

E o baile continuou, depois de toda a gente ter feito as devidas honras à ceia preparada.

Cuidadosamente, os nossos dois dominós levantavam as pontas das máscaras, comendo como qualquer naufrago após quinze dias de jejum.

— Diga-me quem é! Diga! — supplicava a Fifi, gentil e oxigenada filha dos donos da casa, a um dos mascarados.

E a resposta era sempre a mesma, certa, infalível: «Tu não me conheces!»

Começaram, porém, os estranhos personagens a levantar sérias suspeitas aos donos da casa e a alguns convidados. E, uma vez reunidos no escritório os homens que aparentavam mais resistencia fiscal, foram ali levados os dois intrusos e intimados a tirar as máscaras.

Olhando em redor, e perante os olhares ameaçadores que neles se fixavam, os dois resolveram levantar as máscaras.

E o espanto foi enorme! Ninguém conhecia os dois cavalheiros!

O dono da casa adiantou-se então, sereno mas ameaçador, e exclamou:

— Os senhores são dois intrusos!

E humildemente, alhos postos no chão, um dos mascarados contou:

— Miradão, não! Não logo de entrada, quando o senhor nos perguntou quem eramos, respondemos: «Tu não me conheces!» O senhor não pôde acreditar!...

PARDAL MALUCO.

UTILIDADES

Vamos ensinar hoje aos nossos leitores o modo pratico de conhecer o individuo. Basta para isso pôr na cer a nacionalidade de qualquer sua frente uma caneca de cerveja com uma mosca dentro.

Perante este pequeno estratagemma, a pessoa a quem se ofereceu a caneca de cerveja denuncia imediatamente a sua nacionalidade.

Se for inglês, olha atentamente e durante meia hora o copo de cerveja com a mosca. Em seguida, tira a mosca, examina-a minuciosamente, deita-a fóra, despeja a cerveja, parte o copo e manda vir novo copo de cerveja.

Garantimos que todo ou qualquer animal racional que fizer isto é inglês.

Segue-se agora o que succede se for francês.

O francês, ao ver o copo com a mosca dentro, chama o criado e diz-lhe rudemente que o copo tem uma mosca dentro e que, portanto, façam favor de lhe trazer outro copo de cerveja, mas que não tenha mosca.

Se for um alemão, o caso muda um pouco de figura pelo seu feitio pratico de fazer e encarar as coisas.

Ao ver o copo de cerveja com a mosca dentro, o alemão limita-se a contemplar desdenhosamente a mosca, sem sequer lamentar a morte por afogamento e, em seguida, mergulha o dedo na caneca de cerveja, tira a mosca e bebe a cerveja gulosamente.

Mas, se a pessoa for um russo, o caso então muda muito de figura. O russo é mais do que qualquer outro, um espirito pratico. Ao ver a caneca com a mosca, não se detem a, sem esperar um segundo, mete o copo á boca e bebe a cerveja com mosca e tudo.

E, por ultimo, vamos aos chineses.

Ao ver o copo de cerveja com a mosca, o chinês limita-se muito pacatamente a tirar a mosca do copo e, depois de pedir a alguem que lhe arranje um bocadinho de pão, come a mosca, contente e em seguida bebe a cerveja.

Como o leitor vê, isto é simples e pratico. Podemos garantir que o sistema é eficaz.

Ha ainda um outro processo de saber a naturalidade de qualquer individuo. Este outro processo tem já sido experimentado e tem 'ambem dado resultado. No entanto, não o aconselhamos muito porque tem tambem, a par do lado pratico, o lado difficilioso.

Esta maneira de saber a nacionalidade consiste em chegar ao pé da pessoa que desejamos interrogar e, depois de a fitar bem de frente, dizer:

— De que terra é o senhor? Devemos declarar que o processo que ensinamos primeiro é, em nossa opinião, o melhor.

MANOEL DUQUE.



— Então, com um frio destes, é o cavalheiro sem abafos?

— Ah! está? É que eu ainda hoje não consultei o termometro.

Cacharolete

Em casa da D. Berta
— uma excelente senhora, —
festejava-se a Pinhata
numa festa encantadora!

A meio da noite, porém,
reparou-se, com estranheza,
que haviam desaparecido
dois talheres de sobremesa!

D. Berta, cortêsmente,
com elegancia verdadeira:
reuniu os convidados
e falou desta maneira:

— Senhores: Alguem, por engano
ou distracção, com certeza,
meceu para a algibeira
dois talheres de sobremesa!

E, para que ninguém fique
enxovalhado por tal,
acabo agora de ter
uma ideia genial!

Fecho a electricidade
e quem os tiver guardado,
coloca-os sobre o piano
e está o caso arrumado!

Quando se acendeu a luz,
foi enorme o desengano!
Os talheres não apareceram...
Desapareceu o piano!

PATO MARRECO.

Humor de entrudo

Não sei ha quantos anos, e afinal
isso não faz ao caso... Certa vez
encontrei-a num baile de entremés,
na febre de prazer do Carnaval.

Travei com ela um *flirt* original,
e talvez a valer, a rir talvez,
eu fui apaixonado e português,
ela foi romanesca e passional.

Com esta pobre, humana fatuidade,
imaginei ter feito uma conquista
e escrevi-lhe palavras de anciedade.

Respondeu-me por fim... três frases
frias:
«Nem sequer o conheço. Não insista...
O amor do Carnaval dura três dias!...»

ANTONIO AMARGO.

Tabletas de Lisboa

Eu creio ser verdade
que não ha mercearia na cidade,
grande ou pequena até,
que não ponha na sua tableta:
Especialidade
em chá e café.
Eu acho que é veneta,
ou dizendo melhor, acho que é treta.
Porque afinal, em suma,
de duas uma:
— ou são os mesmos o café e o chá
em todas essas muitas mercearias
e a tal 'specialidade' então não ha;
ou falam certo as tabletas, frias
como tristes legendas tumulares,
e então devem contar-se por milhares
as especialidades...
No caso de haver tantas variedades,
para o chá vejo a China retalhada
em pequenas herdadas,
uma p'ra cada loja acreditada,
e para o bom café
cada bom merceeiro com carroça
tem com certeza roça
no Rio, em Moka, Angola ou S. Tomé...
Um pagode chinês,
ou um lundum brasileiro ou africano!
Quando afinal o povo português
vai todo neste engano,
pois assim mesmo é que é
e sempre assim será:
— Ouidando beber chá, beber café,
nunca bebeu café nem bebeu chá...

ANTONIO AMARGO.

NOVIDADES FRESQUINHAS

Cães e cãesinhos

As licenças caninas vão ser au-
mentadas, não em liberdade, mas
em money. Os cãesinhos de luxo
pagam o dobro. A dificuldade re-
side em saber qual é a diferença
que existe entre o cão e o cão-
sinho. Acharmos que deve ser esta:
o cão de guarda prova que tem
bons dentes na anatomia dos ami-
gos da casa e deita-se quando che-
gam os ladrões; o cãesinho de lu-
xo embeleza a sua dona dedicada,
rasgando os cortinados do quar-
to e bordando mais flôres no lin-
do tapete florido da sala de vi-
sitas.

Hollywood

Jackie Cooper, o novo *Kid* que
acaba de completar oito anos, ga-
nha um milhão e meio por ano.
Os pais veem, enfim, coroados
os inumeros sacrificios que duran-
te anos fizeram para lhe dar uma
primorosa educação.

Vaticínios

A bruxa Magica, ali da rua da
Atalaia, fez os seguintes vaticínios
para o ano que vai andando:

Vida artistica — Os pintores ul-
tra, extra, super e hiper continua-
rão a receber sacos de batatas em
lra dos seus quadros, enquanto
não forem corridos á mesma... As
conferencias historicas, medicas,
sociologicas, catecumenicas, helio-
terapicas e estupedicicas serão nu-
merosas, tendo a assistir um se-
lecto publico catarroso e dispepit-
ico. As pecas de teatro treinar-se-
hão no trambulhão nacional. Na
musica, delectará os ouvidos pretos
dos brancos o jazz de caçarolas re-
fogado com T. S. F.

Vida comercial — A guerra ama-
rela será uma mina para os jor-
nais, que caíam em crise só a fa-
lar na crise. Os alfinetes de ama
subirão de preço, assim como os
pneus. E' por isso que inuitos ban-
queiros, para não estragar os dos
seus *Pearless*, preferirão utilizar-
se dos carros celulares, que são de
uma grande comodidade absoluta-
mente gratuita. Os predios deixa-
rão de ser construidos com tejo
refractario, pois sendo refractario
não está quieto e, não estando
quieto, vem a gaiola ao chão, o
que finalmente demonstra que fo-
ram edificados com mais pouca
vergonha que tejo.

Vida de sociedade — Muitas so-
ciédades *Ele, Ela & C.* serão des-

feitas, porque *Ele* deixa de pagar
e a *C.* não está para ficar com
Ela, com as despesas inerentes e
sem editor responsavel.

Vida científica — Não se inven-
tarão grandes coisas (por enquan-
to não vejo nada), os sabios não
descoberão nenhum novo come-
ta, a presença de qualquer insecto
desconhecido ou a nascença de al-
gum microbio que nos falte para
completar a colleccão. Nenhum me-
dico realizará qualquer operação
destas que assombram o mundo,
como a extirpação dum calo do
coração (havendo tanta gente com
coração de pedra) ou a colocação
dum estomago artificial com cor-
da para dois anos, ou a amputa-
ção duma perna sem que o in-
teressado saiba quanto isso lhe
custa.

Descobrir-se-hão, no entanto, al-
guns inventos praticos: o conta-
dor de atropelamentos para auto-
movel, o meio que faça com que
delze de ser espinhoso o negocio
de sardinhas de lata, etc.

Por mais perguntas que fizes-
semos sobre a vida politica, a vi-
da airada e a vida touristica (tu-
rismo, tourada e etc.), a D. Ma-
gica atalaiou-se por traz da co-
ruja sarcastica e silenciou-se, ca-
talepticamente sibillina e muda.

Este e aquele

A *Este*, que costuma estar á por-
ta da livraria Tal, sempre mono-
culado e carregado de livros, pe-
diram conselho sobre a compra de
um livro alvo, capaz de entrar no
seio de qualquer patriótica fami-
lia. Aconselhou:

— Compre os «Ultimos dias de
Pompeia».

— Ah! E de que morreu essa se-
nhora?

— Duma erupção, acho eu.

Na Bénard. Ela, coleante e de
voz cristalina. Toda a gente a co-
nhece. Ele (o *Aquele*) pomadado,
muito *rocé está bein?*, gestos cur-
vos:

— Sabe? Subscrevi o seu nome
com cem escudos para o meu chá
de caridade.

— Upa!

— Oh! meu caro! Se soubesse
como são pessoas, pobres!...

— E o seu marido não podia tor-
ná-los um pouco mais ricos an-
tes de eu os socorrer?

DR. DAQUIEDACOLA.

Paz armada...



O JAPONÊZ: — Então vocês querem declarar-nos
guerra?!...

O CHINEZ: — Nunca! Lutaremos até ao fim pa-
ra... manter a paz.

Noticias do dia

O conflito sino-japonês A evacuação de Xangai

NANQUIM, 13. — O bombardeio
desta madrugada, por parte dos
japoneses, foi tão intenso que a
cidade de Xangai, com o susto, até
evacuou. — (*Especial*).

As tréguas

XANGAI, 13. — Os quartets ge-
nerais chineses e japoneses resol-
veram fazer tréguas por 4 horas,
continuando intenso o bombardeio.
— (*United Press*).

Deliberações da S. D. N.

GENEBRA, 14. — O conselho su-
perior da S. D. N. voltou ontem a
reunir para deliberar acerca do
conflito sino-japonês. Foi resolvi-
do mandar mais três comissões de
inquerito para Xangai, Cha-peí e
Nanquim. Só depois dos relatorios,
que devem durar alguns meses a
elaborar, serem entregues, a S. D.
N. iniciará as *démarches* para a
solução do conflito. — (*Favas*).

O que diz o governo japonês

XANGAI, 14. — Em nota envia-
da á municipalidade, o governo ja-
ponês declarava que, assim que a
China mandar desarmar todas as
suas tropas e deixar-lhes o cam-
po livre, as hostilidades termina-
rão imediatamente. — (*Especial*).

Recomeçaram as hostilidades

XANGAI, 14. — Os japoneses vol-
taram a bombardear a cidade de
Cha-peí, não tendo os chineses ri-
postado e conservando-se silencio-
sa a sua artilharia perante o fogo
intenso das tropas japonesas. Seis
granadas da artilharia chinesa,
que nunca fez fogo, caíram na
concessão internacional. — (*Un-
ited Press*).

A atitude da S. D. N.

GENEBRA, 14. — De toda a par-
te do mundo tem sido recebidos
em Genebra telegramas das mais
altas individualidades, felicitando
a S. D. N. pela sua acção na solu-
ção do conflito. — (*Favas*).

Navios japoneses em aguas chinesas

XANGAI, 14. — Chegaram ao
porto desta cidade mais sete uni-
dades da marinha de guerra ja-
ponesa, apenas com o intuito de
proteger os bens do cidadãos ja-
poneses. Assim que chegaram, as
referidas unidades romperam ime-
diatamente fogo contra os secto-
es chineses. — (*Especial*).

O japão não quer a guerra

TOQUIO, 14. — O governo do Ja-
pão declarou oficialmente que não
quere a guerra; o que ele quere
é a China. — (*Especial*).

A neutralidade da Russia

VLADIVOSTOCK, 13. — A Russia
recolheu conservar-se neutra pe-
rante a atitude do Japão com a
China, deliberando não proteger
qualquer destas potencias e enviar
aviões e munições para a China.

Quereis dinheiro?

Jogal no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes

AO ACASO

Uma partida

O noivo para a noiva, na véspera do casamento:

— Minha querida, eu morro de amor por ti. E' me impossivel esperar mais... Esta noite, quando todos estiverem a dormir, deixa-me entrar no teu quarto. Compreendes: que pode suceder de mal, se amanhã já estaremos casados?

— Ah! não!... Desta vez saberei segurar-me... Já me fiz para a partida!

Uma de Citroën

Citroën, o grande industrial francês, faz *blague* de tudo, chegando a brincar consigo proprio. Em Deauville, onde se encontrava, contou ele certa vez esta aneddotica:

«Uma manhã, um desconhecido chamou-me ao telefone. Peguei no aparelho e perguntei:

— Daqui Citroën... Faz favor de dizer.

— Eu queria — respondeu-me o homem — saber se é verdade, como se diz, ter sido construido um «Citroën» em sete minutos e meio.

— Sim, senhor, é verdade...
— Bem, — continuou o outro com uma voz triste — então deve ser justamente o automóvel que eu comprei.

Dialogo

— Queres tomar um chá?
— Não... Chá, não...
— Então um café?
— Também não... Café, não...
— Um whisky e soda?
— Soda, não...

Arrependimento

O abade de Fleury teve uma grande paixão pela marchala de Noailles, mas esta, tratando-o sempre com um certo desprezo, nada lhe concedeu.

Feito o abade primeiro ministro, teve a senhora de Noailles necessidade dele. O abade recordou-lhe o desprezo a que ella o votara.

— Ah! monseñor, — disse ella — quem o poderia prever!

Depois do jantar

Em casa da condessa de X..., um dos muitos convidados findo o jantar, fala duma canção que estava então fazendo um enorme, admiravel successo, num *cabaret*.

— Oh! meu caro amigo, cante-a! — disse a condessa.

— Impossivel, minha senhora.

— Porquê?

— Porque é um pouco escabrosa...

— Bem, — voltou a condessa — diga-nos então sómente a letra.

A vidente

O Antunes lera num jornal o anuncio em que uma celebre vidente oferecia, contra o envio de vinte mil reis, os seus infalíveis — infalíveis dizia o anuncio — predições.

Resolvida, por isso, escrever-lhe. A resposta não tardou. Dizia assim:

«Exm. Sr. — O senhor é um homem dotado duma grande franqueza e duma generosidade enorme.

A sua caligrafia denota um caracter nococe, invugar.

Se a sua situação não é neste momento brilhante, se-l-ha, todavia, dentro de algumas semanas, porque V. Ex.º é trabalhador, corajoso e duma honestidade extraordinaria.

O seu futuro está, pois, assegurado.»

Alguns dias depois, recebia o Antunes esta carta da vidente:

«Exm. Sr. — A nota de vinte mil reis que me enviou ha dias é muito boa...»

Como não quero de fórma alguma manter relações de correspondencia com uma pessoa da sua especie, entreguei já á policia a nota que me enviou.»

DESSPORTOS

A lógica da bola

O que é logica? — preguntámos, em dia de boa disposição, a um estudante que cometeu a proesa assinalada de gastar no curso dos liceus a bela soma de quinze anos. (Ha-os inda piores). E, logo, ele, coçando desconfiadamente o coiro cabeludo e apertando mais o pretencioso monoculo, insignia velha dos pedantes, recitou com blandicia:

— A logica é uma batata.

Retorquimos, um pouco a medo:

— Se não nos enganamos, essa não é a definição dada pelos cahenhos filosoficos...

— Quando estudámos filosofia, — tal bem nos demos a esse luxo — logica era a ciencia de ensinar a raciocinar com exactidão, ou então, a parte da filosofia que se entregava á massada de ensinar a verdade e as leis que a regem.

— Ora! Ora! — replicou azougadoamente o nosso amigo estudante. Isso são lérias de individuos que, por não terem entretenimento de seu agrado, levam a vida a escrever coisas que ninguem entende. Volto a afirmar, e nada de controversias: a logica é uma batata.

Despedimo-nos, com um certo azedume, do mancebo — um perfeito tipo de moiro, como eiegantente ele se classifica. E depois de pensarmos alguns minutos, o azedume havia desaparecido, porque lhe achámos uma certa dose de razão.

A logica, applicada á bola, não passa duma batata. E' possível até

quem nem o valor duma batata, tenha...

Um rapido exame aos recentes resultados do campeonato chega para convencer-nos da verdade de uma definição de gosto tão acentuadamente popular.

O Belenenses esmagou por 5-0 o Barreirense! Quem seria capaz de prever um tal resultado, sabendo-se que ambas as equipes têm um valor muito aproximado?

O União perdeu, frente ao Chelas, por 4-2. E, no entanto, o União possui um lugar saliente no meio da bola lisboeta...

O Benfica empatou por 2-2 com o Lusó. Mas observemos: o Benfica venceu o Sporting por 2-1; e o Sporting venceu o Lusó por 10-1.

Onde pára a logica da bola?

Mas ha mais. O que succede em Portugal, succede em toda a parte.

Tomemos, como exemplo, a Espanha, e encontramos tambem exemplos flagrantes.

A Espanha venceu os ingleses, os mestres ingleses, por 4-3. E, logo, meses depois, perdeu por 5-0.

O Atletico, de Bilbao, deslocouse, ha dias, a Paris e perdeu com uma selecção parisiense por 4-1, quando toda a gente supunha que ele obtivesse um successo retumbante.

Onde está a logica do acontecimento?

E, depois de tudo isto, não haverá motivos para afirmar: — Não terá razão o estudante, perfeito tipo de moiro, quando diz que a logica é uma batata?

JONICA.

A retalho

Na Boa-Hora:

O juiz: — Levante-se o réu. Vai lèr-se o seu cadastro...

O réu: — Então vocelencia, sr. dr. juiz, ha de me dar licença que me sente...

— Tenho a honra de estar falando ao sr. Francisco Pessoa?

— Em pessoa...

Ha dias, lêmos num jornal ultra-monaquico, catolico, apostolico e romano as seguintes *mimosas* expressões, entre muitas outras:

Atrombar, bebedola, bicho-carela, cegada democratica, chuchalada, chuva de picaretas, maldita mil vezes a Liberdade, cochicholos, corrimacas, emborrachados, gu'nocerates, gosma, judenga, lérias, ligorios, bernardínicos, lirús, mazombos, pachochadas, patacudas, sol-e-dós partidarios, trinca-democratas, tropa fandanga, vaca assada, radics, troca-tintas, desordeiros, traficantes, vendilhões da Patria, renegados, prai'arios, etc.

— Então, meu filho, que tal te vais dando com os professores?

— Muito bem, minha mãe. Os professores são tão meus amigos, gostam tanto de mim e de me ouvir, que até me pedem para eu repetir duas e mais vezes a mesma lição...

— Mais uma vez reprovado, rapaz?

— E' verdade, meu pai.

— Nem sequer a uma pergunta do examinador tu respondeste!

— Não respondi porque estou de relação cortadas com esse professor...

Um estudante, irritado por ter sido reprovado em determinada disciplina encontrando na rua o lente que o examinara e lhe dera o *raposo*, vibra-lhe alguns sopapos, ao mesmo tempo que lhe diz:

— Isto serve para lhe provar que nestas coisas de sopapos vejo mais, com lente ou sem lente, do que v. ex.º, que é lente...

Uma das proximas conferencias, no Instituto dos Altos Estudos, versará o tema: «O poder do fluxo catamenial na vida ordeira dos povos chinês e japonês». Será conferente o poeta Antonio Bólo.

Final do Padre-Nosso dos gatinhos:

«Padre Nosso, meu bom Deus, Não vos peço que me deis riquezas. Dizei-me so onde elas estão, que eu as irei buscar, se para tanto me chegar engenho e arte e não surgir o *bergolim á d'one* e eu ter que dar o *espírito á b... da carente*, Amém»

Como algumas...

Numa repartição de registo civil, em França, apresenta-se uma mulher:

— Venho participar o nascimento, para os efeitos legais, do meu oitavo filho.

— Bravo! Oito filhos! A senhora é, decididamente, uma grande francesa, uma adoravel patriota. Mas... diga-me uma coisa: porque não é você casada, tendo já oito filhos? Não se sente envergonhada por isso?

— É explico: é que os oito filhos são... são todos do mesmo homem.

— Bem... Mas mesmo assim... Porque não regulariza você a sua situação?

— Eu digo... E' que ele não é lá muito simpatico!

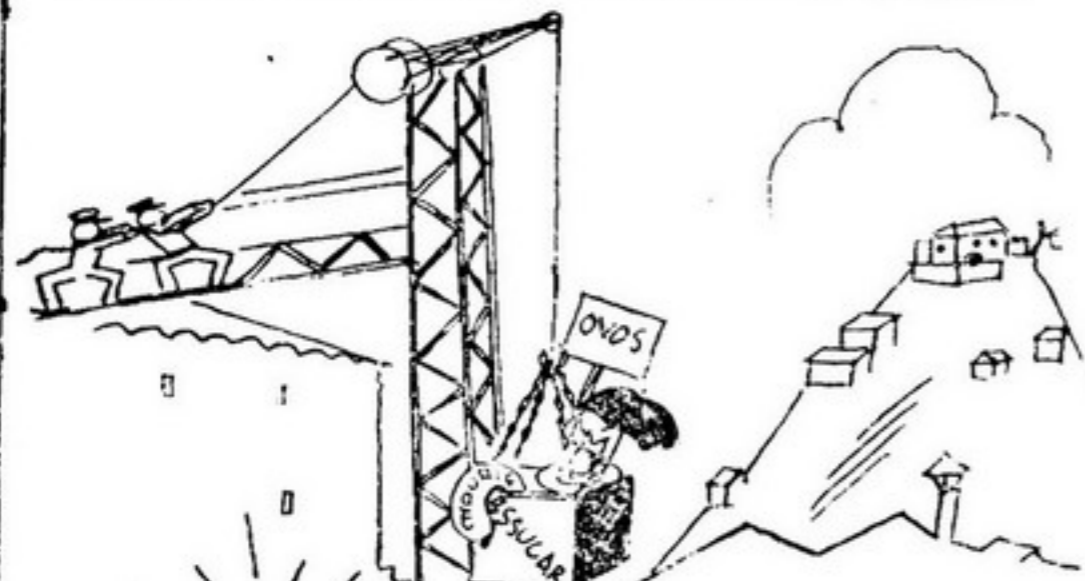
A lógica do "chuto"



— ... Os lógicos sôbre... viventes...

ECOS DA SEMANA

NÃO É OPURTUNO POR O ELEVADOR DO MUNICIPIO A ANDAR PORQUE O PUBLICO JA' ESTA' ACOSTUMADO AS SUBIDAS.



JA' QUE, SEM PLANO GERAL, A CIDADE CONTINUA A SER FEITA AOS RE-TALHOS SERA' BOM CONSULTAR EM LUGAR DUM 'FORESTIER' O SNR. GRANDELA DOS ARMAZENS.

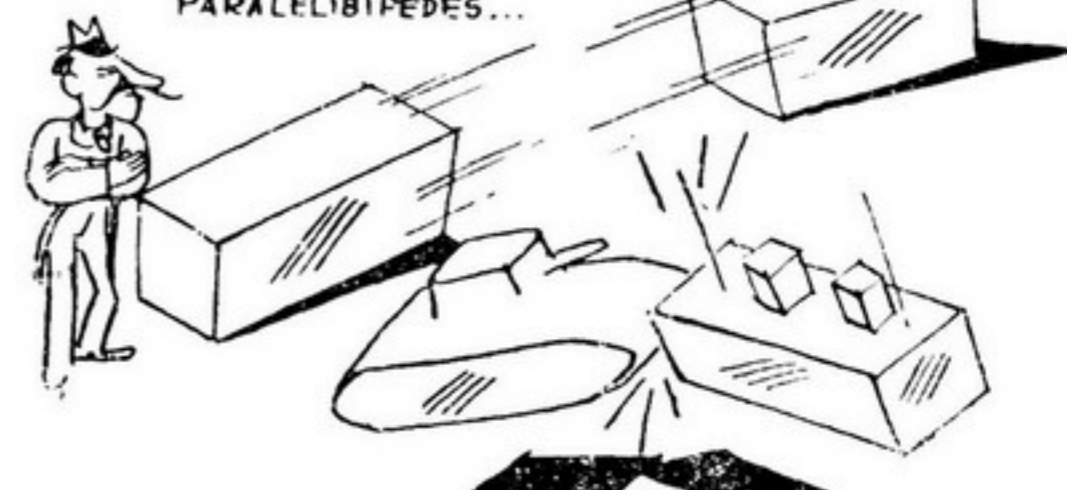


A CARICATURA E SUBJECTIVA...

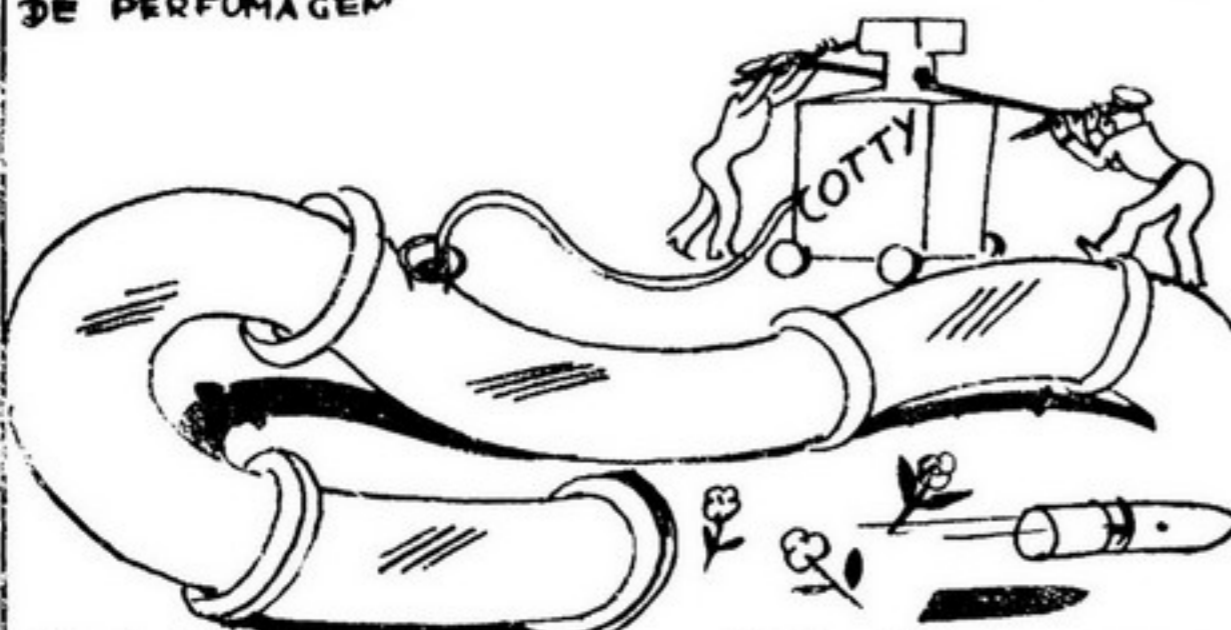


SÓ COM UMA ORAÇÃO O DUCE PAPOU A PINHA AO PAPA, NÃO SE DEIXANDO FIXAR NAS CAMARAS POR TER MUITO AZAR AS MESMAS...

PARALELIPEDO É A FIGURA GEOMETRICA FORMADA POR LINHAS PARALELAS QUE POR MAIS QUE SE PROLONGUEM NUNCA SE ENCONTRAM, MAS SE PERDE A LINHA... É PINHAO QUE FERVE!! ... ENTÃO PASSAM A SER PARALELIBIPEDES...



COMO CONSTASSE QUE OS TELEGRAMAS VIA PNEUMATICA-ESGOTO CHEIRAVAM A PORCARIA... FOI ESTABELECIDO UM SERVICO DE PERFUMAGEM



FOI CREADA A JUNTA DE AVI-CULTURA NACIONAL QUE USARA' O MODERNO PROCESSO DA COEDUCAÇÃO.



DIZEM AS MÁG LINGUAS QUE O JAPÃO SENTE AS COSTAS QUENTES CA' DAS BANDAS DO OCIDENTE



NA CONFERENCIA DO DESARMAMENTO CADA QUAL DEFENDE A ARMA QUE POSSUI COM ABUNDANCIA.

